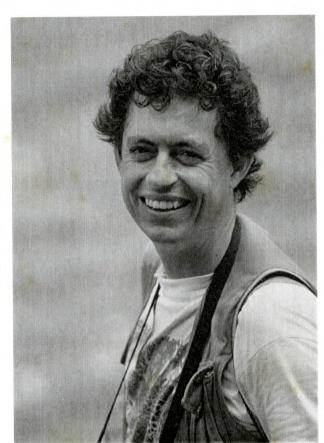
EST. 5/E CÓD. 22 PUBLICAÇÕES MIS/PR.

Caderno do MIS #22



Zig Koch fotógrafo

JAIME LERNER

Governador do Estado do Paraná

LÚCIA MARIA GLÜCK CAMARGO

Secretária de Estado da Cultura

JOSÉ CARLOS DE MELLO

Diretor-Geral

FRANCISCO CARLOS NOGUEIRA

Diretor do Museu da Imagem e do Som

VALQUIRIA ELITA RENK RITA DE CÁSSIA BEZERRA

Pesquisa - Elaboração

MARIA CELESTE CORRÊA

Revisão e colaboração

TERESA CRISTINA MONTECELLI

Coordenação Gráfica

LEONARDO GUIMARÃES SALLES ANDRÉ RONDINELLI DE ALMEIDA MENDES

Projeto Gráfico

JOEL ROCHA

Foto da Capa

Agradecimentos especiais:

Tereza Koch e Antônio S. Cavalcanti, Maria Celeste Corrêa, Ana Augusta Rocha, Prof. Carlos Velozzo Roderjan, Gien Guimarães, Hélio Teixeira, Henrique Paulo Schmidlin (o Vitamina), Luiz e Carlos Koike, Magali Bérnal Roig e colaboradores da Ibiza, Marcelo Cercal Blentzke, Milton de Souza, Paulo Vandelino Gonçalves, Roberto Boçon, Rogério Lange, Sônia Mazzuchetti, e todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para a confecção deste caderno.

Apresentação

É com enorme prazer que o Museu da Imagem e do Som lança este seu novo caderno, onde o destaque é o grande fotógrafo ZIG KOCH.

Mais que procurar fazer uma biografia desse renomado artista da luz, queremos reverenciar seu talento, sua sensibilidade, seu extremo profissionalismo e, acima de tudo, seu profundo humanismo.

ZIG é dessas pessoas raras que costumamos chamar de "necessárias", "imprescindíveis". Sua ardorosa paixão pela natureza é de tal forma contagiante que nos obriga, a todo instante, reavaliar nossa própria trajetória como seres humanos que estão (apenas) de passagem por este planeta. ZIG ama o próximo e, com toda razão, se preocupa com o que vamos deixar para os que virão depois de nós. Sua obra pretende não somente mostrar as belezas da fauna e da flora, mas, também, alertar sobre o que estamos na iminência de perder, sobre as reais implicações de atos impensados, sobre os descasos ou abusos cometidos em nome de um "progresso" que só encontra respaldo em cabeças mesquinhas e egoístas.

Como todo museu possui preocupações didáticas, esperamos que este nosso caderno possa servir como introdução à obra desse conceituado mestre, um estímulo a que mais e mais pessoas conheçam seu legado.

Francisco Carlos Nogueira Diretor do MIS Abril/2000



Zig Koch, por ele mesmo

"Fotografo desde meus 16 anos por hobby e prazer. E, a partir de 1986, optei pela fotografia profissionalmente, como meio e opção de vida. Fotografo preferencialmente aspectos da natureza (flora, fauna, ambientes e populações tradicionais com seus costumes) e turismo, o que me dá uma vivência bastante eclética sobre meio ambiente, pois acabo tendo uma visão bem privilegiada das várias características que interferem ou se relacionam com os ambientes naturais. (foto1)

Muitas vezes para fazer fotografia de algum animal, ou mesmo de paisagem, é preciso longas horas na espera da melhor luz ou melhor posição do animal. O maior tempo que fiquei à espera foi quando fotografei a Arara-azul-de-lear, no interior da Bahia. Foram 8 horas dentro de um esconderijo e 10 dias para achar o local. Mas valeu a pena.

Em meu trabalho, também realizo documentação fotográfica para empresas e indústrias. Nesse tipo de trabalho, também procuro imprimir meu conceito de fotografia e ir além do simples registro fotográfico. No passado, na fase inicial de minha carreira, fiz vários tipos de fotografia: coquetéis, retratos de empresários, produtos em estúdio e também modelos em estúdio. Todas essas experiências só me confirmaram aquilo que eu já sabia. Minha paixão são as fotos fora de estúdio, documentando animais, plantas e pessoas em seu espaço natural. Mesmo com os ganhos menores, se comparados à fotografia de publicidade, acho que vale a pena, pois para mim é uma grande vivência, que no fundo é o que fica.

Além disso, como ser humano e cidadão, tenho uma constante preocupação ambiental. Houve, nos 4,5 bilhões de anos de história do nosso planeta, cinco grandes catástrofes naturais que levaram à extinção em massa de muitas espécies da flora e da fauna. A mais conhecida foi a que provocou a extinção dos dinossauros, que dominaram o planeta por milhões de anos. Ao final de cada um destes cinco períodos de grandes extinções, espécies mais adaptadas às novas condições sobreviveram e deram origem a novas espécies.

O período em que vivemos hoje, é tido pelos estudiosos como o que abriga mais espécies vivendo simultaneamente e, mesmo assim, isso representa apenas 1% de todas as espécies que já viveram na Terra. Para nós, que nos autodenominamos "racionais", e que somos apenas uma das milhares de espécies que estão participando deste período de pujança de vida, este fato deveria ser uma dádiva. Mas, ao contrário, estamos provocando uma extinção em massa de tudo o que tem vida no planeta. Isso está sendo considerado por alguns especialistas, como o 6° período de grandes extinções em massa.

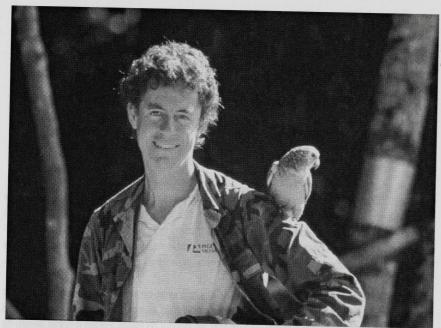


foto1 - Zig Koch

Outro fato alarmante é que, segundo estes estudiosos, o ritmo de extinção é muito superior aos outros cinco períodos. Isto nos dá uma vaga idéia do que estamos provocando. Diante deste fato, nossa espécie pode ser comparada a uma bactéria que come tudo e que se reproduz de forma descontrolada até que mata o hospedeiro e, com isto, acaba morrendo também. Bem, quando vejo um ambiente ser devastado, penso no que antes era aquele ecossistema, nas espécies e espécimes que se foram para sempre e acho que a nossa espécie está finalmente acordando para isto, mas ainda num ritmo muito lento.

A falta de respeito pela natureza é fruto de um antropocentrismo exagerado. E isso não acontece só no Brasil. O respeito ao meio ambiente não custa mais caro, pelo contrário. Ações para corrigir erros são muito mais caras e, quase sempre, acabam dando uma qualidade ao ambiente muito inferior à que se tinha antes da agressão aos ecossistemas. Para combater esta falta de respeito, acho que é fundamental investir em ações educativas e punitivas para as empresas e pessoas que degradam o meio ambiente. Isso não é fácil e necessita de recursos financeiros, mas tem de ser feito para que possamos entregar a "nossa casa" com um mínimo de qualidade aos que estão por vir.

Acho que a destruição que vemos acontecer de forma catastrófica, no mundo todo, é fruto de vários fatores. O principal é o tal antropocentrismo exacerbado. Achamos que somos donos e senhores de tudo o que está no planeta, porque temos um documento, um papel que nos assegura a posse da terra. E isto nos dá o direito de vida ou morte sobre plantas e animais, e sobre a própria teia de vida que jamais conseguiríamos imaginar, muito menos reproduzir.

O desperdício de recursos naturais, que no Brasil é muito grande, aumenta ainda mais

a pressão sobre o meio ambiente. As leis que taxam as áreas agrícolas, muitas vezes induzem o proprietário a derrubar áreas de floresta para pagar um imposto menor. O próprio MST invade e desmata áreas cobertas com florestas. Por fim, há o aumento da população mundial, que cria uma pressão constante e cada vez maior sobre os recursos naturais, renováveis ou não. Este último talvez seja o fator que mais gera pressão sobre o meio e com uma inércia muito grande pois, mesmo reduzindo a taxa de crescimento, o Brasil praticamente dobrou a população de 1970 até agora, superando a marca dos 150 milhões de habitantes. Então, temos 70 milhões de novas bocas para alimentar, 70 milhões de pessoas a mais, só no Brasil, para morar, trabalhar, circular, se divertir, amar. É a população de um país em apenas 30 anos! Aí entram as cidades, o campo, ricos e pobres.

Como diz o ex-prefeito de Curitiba, Rafael Greca de Macedo, "tendência não é destino". Dentro deste ponto de vista, podemos mudar uma tendência nefasta. Mas, como sociedade, temos de querer mudar, procurar as soluções que nem sempre são fáceis e precisamos ter consciência de que muito já foi perdido e de forma irrecuperável. A mudança deve partir de cada um de nós, pois se cada um mudar, o todo muda também. O que não podemos achar é que "alguém" vai encontrar um jeito para arrumar as coisas. Este "alguém" somos nós, os cidadãos comuns.

No meio disso tudo, destaco o difícil trabalho das entidades ambientais, que sobrevivem graças à dedicação de pessoas apaixonadas pelo que fazem. É muito difícil para as ONG's sobreviverem, não existem muitos instrumentos que facilitem a captação de recursos, o que por si só já é bem difícil. A pesquisa é pouco valorizada e as ações para preservação ambiental são, muitas vezes, mal interpretadas. Mesmo assim, graças às ONG's, algumas coisas já estão melhorando. Áreas naturais estão sendo protegidas, abaixo-assinados fazem pressão sobre políticos, as leis estão sendo melhoradas e, principalmente, o comportamento do cidadão comum está menos predatório que antes.

Algumas empresas descobriram que investir em meio ambiente dá lucro e um retorno de mídia muito superior à publicidade convencional. O Boticário foi um dos pioneiros neste tipo de ação preservacionista e tem feito um trabalho exemplar, tanto no apoio a projetos de pesquisa como na preservação de áreas como a do Salto Morato, na região de Guaraqueçaba, no litoral do Paraná. Outras empresas, antes poluidoras, estão descobrindo que se a despoluição for bem feita pode, além de garantir espaço na mídia, representar um lucro direto através da venda dos subprodutos retirados dos filtros. Acho que a visão das empresas está mudando para melhor, principalmente porque elas estão percebendo que a preservação não custa mais e ainda pode render dinheiro.

A conscientização deve partir de todos os lados, do governo e da própria sociedade. Desde ações diretas do poder público, com campanhas educativas e fiscalização, até as empresas promovendo palestras para seus funcionários e mostrando à comunidade como as coisas podem ser feitas com menor agressão ao meio ambiente. Os meios de comunicação já tem feito muito para estimular a sociedade em ações de preservação, mas poderiam dar uma contribuição ainda maior criando mais programas de rádio e TV com uma temática mais voltada para a natureza e o meio ambiente, reduzindo o espaço de programas cujos temas são a violência e as intrigas de todo tipo.

A indústria do entretenimento poderia desenvolver vídeo games voltados mais para ações construtivas do que destrutivas. Enfim, é um grande desafio que envolve ética e boa vontade - não só as chamadas leis de mercado - e que não deve parar, mas se renovar a cada instante. As questões de preservação não são romantismo de um pequeno grupo que não quer que matem os animais, são uma necessidade que deve ser praticada por todos nós, para que possamos viver melhor e para que as gerações futuras possam desfrutar desta diversidade impressionante que herdamos sem custo algum e que nos dá qualidade de vida."

(Zig Koch)



Ascendência Artística

Nascido de gerações de artistas, a arte está enraizada no coração e no sangue de Ricardo Koch Cavalcanti, o Zig, como foi carinhosamente chamado pela mãe desde pequeno. O apelido, que acabou transformando-se em seu nome profissional, surgiu do olhar da mãe que, quando pequeno, o achava "loirinho e branquinho, um Zigismundo". Assim, de Zigismundo ficou Zig. E ele gosta tanto de ser chamado deste jeito que muita gente nem o conhece por Ricardo, somente por Zig Koch. Por ser tão valioso para ele, em breve o apelido será incorporado ao próprio nome: Ricardo Zig Koch Cavalcanti. (foto2)

Os avós maternos de Zig, Ricardo José Koch e Emma Koch, vieram da Polônia e dedicaram a vida à pintura e ao trabalho como arte-educadores. A mãe, Tereza, herdou dos pais o talento para as artes plásticas. Zig Koch só difere deles na técnica utilizada para retratar a realidade e eternizar o momento. Os avós foram pintores e mestres de muita expressão em Curitiba, desde os anos 50. As flores pintadas por Emma nas aquarelas, "exorbitam o decorativo e começam a ser iluminadas de uma leveza quase metafísica", conforme definiu Walmir Ayala, crítico de arte. Já o avô Ricardo, pintava paisagens e retratos, gostava de experimentar novas técnicas, novos materiais, passeava seu talento entre o óleo e a aquarela. E Tereza Koch, por sua vez, tornou-se uma aquarelista famosa. Um talento que ela só deixou emergir depois da perda dos pais. Mas, quando criança, já gostava de acompanhar o pai e outros pintores amigos dele, em busca de paisagens para pintar.

Zig nasceu no dia 26 de fevereiro de 1959, em Curitiba, e reflete o resultado singular da mistura entre o talento para a arte e o gosto pela aventura, herdado da família paterna. Afinal, Zig Koch é neto e bisneto de construtores de rodovias e de estradas de ferro, trabalho que exigia audácia, coragem e talento. E o pai, o comandante aviador Antonio Stenghel Cavalcanti, pilota aviões com perfeita maestria há mais de 50 anos, paixão transmitida ao filho que tirou brevê e, é claro, também ama voar. Sensibilidade para captar as imagens e perceber o belo de forma singular. O prazer de viajar. A atração pelo novo, pelo desconhecido, pelo desafio. Todas essas heranças familiares foram mescladas de um jeito todo especial na personalidade deste profissional que corre o mundo, de forma paciente e apaixonada, em busca das melhores fotos.

É impossível falar de Zig Koch sem lembrar de suas origens, que se manifestam a cada instante em sua visão de vida e em seu trabalho. Segundo o próprio Zig, o amor à fotografia surgiu de seu amor à natureza, também uma herança familiar, tanto do lado paterno quanto materno. E, de acordo com sua mãe, "todas as heranças (da família) ficaram pra ele". Ainda segundo Tereza, a paixão de Zig pela fotografia vem desde muito cedo: "O avô dele, Ricardo

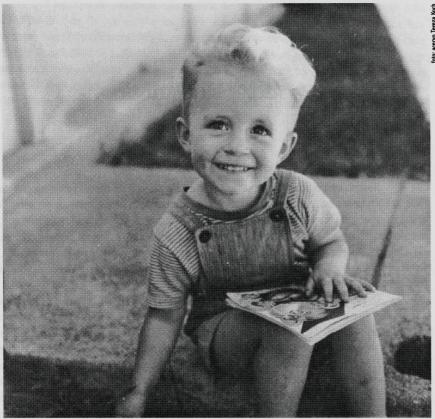


foto 2 - "...loirinho e branquinho, um Zigismundo"

Koch, já era fotógrafo amador. O pai dele, Antônio, também. Os dois pertenciam ao Fotoclube do Paraná". O avô, inclusive, foi um dos fundadores.

Numa mescla interessante e criativa, a arte e a fotografia estão na família há várias gerações, pois o bisavô paterno também era pintor e fotógrafo, do tempo das máquinas fotográficas de madeira, que usavam chapas de vidro. "De um lado como do outro, sempre tinha alguém interessado em fotografia", conta Tereza Koch. Vivendo nesse ambiente artístico e sempre envolvido pelo belo, a atração de Zig pela fotografia foi, praticamente, uma conseqüência. Desde criança foi fazendo seus ensaios com a máquina na mão, fotografando tudo, principalmente a natureza. (foto3)

Arte e engenharia sempre estiveram muito próximos de Zig. O bisavô, o italiano Achiles Stenghel, veio da Itália para atuar na construção da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba. Depois disso, trabalhou na ferrovia São Paulo-Rio Grande e, mais tarde, já contando o trabalho do filho — o avô de Zig, trabalhou na ferrovia Ponta Grossa-Ourinhos. Zig Koch, por sua vez, desde a infância já revelava jeito para a arquitetura e desenhava em perspectiva com a maior facilidade. Sempre foi muito criativo e talentoso para o desenho.

Já na infância, Zig revelou-se muito compenetrado e persistente, até nas brincadeiras.

Gostava de montar cidades, com todos os seus detalhes, usando o lego que o pai trouxe de Portugal. Como era um menino tímido, encontrava uma forma de se expressar através do desenho, que fazia com muita técnica e perfeição. A mãe conta que muitas vezes se trancava no quarto e ninguém podia perturbá-lo. Ali, no seu pequeno mundo, dedicava-se ao processo de criação e montagem de cidades, objetos... O "trabalho" podia durar horas, dias ou até meses. Estas brincadeiras foram uma forma de descobrir a vocação pela arte e pelo desenho, o que o fez optar pela arquitetura, na hora de eleger um curso superior.

Com tantas habilidades e perspectivas, inclusive familiares, ele percorreu vários caminhos antes de se entregar completamente ao mundo da fotografia. Formou-se técnico mecânico industrial, tirou brevê de piloto privado e diplomou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica do Paraná. Exerceu a profissão por quatro anos como arquiteto em Planejamento Urbano. Mas, apesar do enorme gosto pela profissão, preferiu abandonar o ambiente fechado do escritório pela chance de viver mais perto da natureza e, também, de levar a natureza à outras pessoas, através de suas fotos. Mas até esta escolha não foi fácil. Exigiu renúncia, sofrimento e coragem para enfrentar um mercado desconhecido e muito disputado. Finalmente, em 1986, entregou-se por inteiro e definitivamente à fotografia. A partir de então, nascia o profissional **Zig Koch,** nome com o qual assina todos os seus trabalhos. Segundo Zig, *"se não fosse a fotografia, eu teria sido um arquiteto feliz"*. (foto4)



foto 3 - Os primeiros ensaios de Zig no mundo da fotografia.

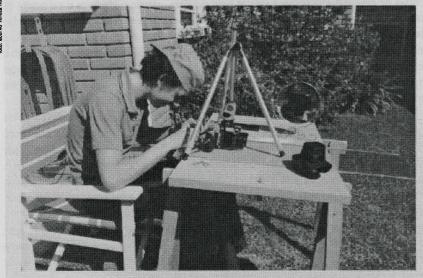


foto 4 - "Trabalho ao ar livre e dedicação à fotografia desde a juventude".



Infância e Juventude

Nascido Ricardo, adotou o nome de Zig, até hoje. Filho mais novo, compartilhava a infância feliz com a irmã Vívian. É uma pessoa que cultiva as amizades e tem sempre a melhor referência por parte dos amigos.

Da mesma forma que a arte e a engenharia estiveram muito presentes na vida de Zig, o amor pela natureza também. Quando os avós ainda eram vivos, ele os acompanhava em muitos passeios nos quais se dedicavam a captar as imagens das paisagens, que se traduziam em quadros belíssimos. Muitas vezes o menino tomava parte nas atividades. Tinha a sua palhetinha, seu banquinho, seus pincéis, e com estes instrumentos também se aventurava pelo mundo da pintura. Mas, se as artes plásticas não foram a sua grande paixão, por certo a pintura contribuiu para desenvolver a sensibilidade e o olhar para o belo, para aprender a observar e conhecer a natureza.

A mãe e o pai de Zig, por sua vez, sempre demonstraram um carinho especial pela natureza. Na juventude os dois foram montanhistas e, nos finais de semana, iam escalar o Marumbi. Naquela época, não existiam botas nem roupas especiais para escalada, o que tornava tudo muito mais difícil. Mesmo assim, eles não desistiam. "Cada vez que eu ficava com os pés cheios de bolhas, jurava que nunca mais voltaria e, na semana seguinte, lá íamos nós outra vez", relembra Tereza. (foto 5)

Anos mais tarde, já casados e com filhos, um dos programas especiais da dupla era levar Zig e Vívian para passear ou acampar em lugares agrestes. "Então incutimos em nossos filhos um amor pela natureza, pela terra, um respeito pelos animais", conta Tereza Koch. Também ficaram na memória afetiva da família os passeios durante as manhãs cobertas de geada, quando a mãe saía com os filhos para caminhar e chamava a atenção para a beleza da natureza até mesmo em seus mais pequeninos detalhes como, por exemplo, uma teia de aranha congelada. (foto 6)

Algumas passagens da infância de Zig já deixavam transparecer o tipo de pessoa que ele seria no futuro. Numa certa ocasião, a família precisava derrubar uma árvore que estava afetando a estrutura da casa. Os pais, sabendo que era uma das árvores preferidas de Zig, conversaram antes sobre a necessidade da derrubada. No dia em que o pai começou a dar as primeiras machadadas, Zig foi ajudá-lo, apesar das lágrimas que teimavam em inundar seu rosto. Ele chorou calado e, somente depois de tudo terminado, descobriu-se o motivo de tanto sofrimento por parte do menino: aquela era a única árvore na qual o pequeno conseguia subir, por isso, era tão importante para ele.¹

Zig sempre foi um menino muito cauteloso. Subir em muros, por exemplo, era um ritual que

¹ Informação fornecida por Tereza Koch, conforme depoimento gravado pelo MIS.

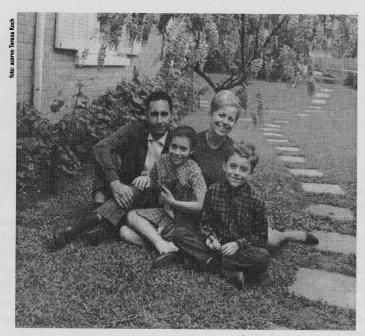


foto 5 -"Zig com os pais e irmã"

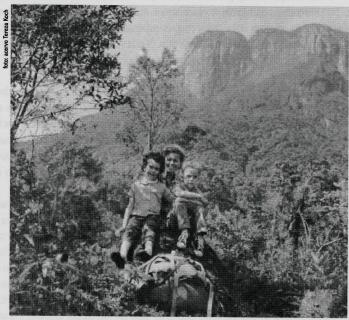


foto 6 - Zig com a mãe e a irmã num dos passeios à Serra".

ele cumpria de forma cuidadosa, estudada, experimentada, até que se sentisse seguro. Porém, quando adquiria confiança e tinha certeza do que estava fazendo, aí ninguém mais o segurava. Assim foi quando ganhou uma fantasia de Zorro. De que valia uma capa bonita daquelas se não pudesse experimentá-la "voando"? Foi então que testou vários lugares até aprender a jogar-se do telhado de sua casa. Então, para desespero da mãe, ele passou a atirar-se de lá, acompanhado do primo Paulo, também devidamente fantasiado, só pelo prazer de ver a capa preta e vermelha balançando ao vento. Pobre Tereza! (foto 7)

Na década de 70, quando o Brasil conquistou o tri-campeonato mundial de futebol, o "espírito" esportivo contagiou muitos meninos, inclusive Zig e seus amigos, que fundaram um time de futebol com um nome bastante original: "*Urubu Futebol Clube*". A "sede" do Urubu ficava na casa de Zig e os treinos eram então realizados no jardim. Era uma espécie de Clube do Bolinha, com reuniões secretas, do tipo "menina não entra", onde as decisões eram tomadas. Também havia todo um preparo físico e tático para os jogos. Devido à sua altura, que sempre atrapalhava os adversários, Zig foi escolhido para jogar como zagueiro.

O Urubu Futebol Clube não teve uma vida muito longa mas o desenho, símbolo do time, foi guardado com carinho pela família de Zig e continua pendurado na garagem da casa de seus pais, na antiga "sede" do clube. A paixão pelo futebol pode ter sido passageira mas o interesse de Zig pelo bicho urubu, assim como por todas as demais aves, permanece até hoje. (foto 8)

Zig não é só um fotógrafo, mas um estudioso, um profundo conhecedor de biologia, geologia, geografia.... o que torna a sua fotografia tão rica em expressão e sensibilidade. Ele "capta" com o seu olhar um conteúdo que é o resultado de muito estudo e pesquisa sobre o que está sendo fotografado.

Menino compenetrado, na infância, ficava horas brincando com o lego ou produzindo miniaturas, com grande dedicação. Esta dedicação existe até hoje, quando, antes de ir fotografar, ele estuda muito, para chegar ao campo de trabalho com grande bagagem de conteúdos.

O gosto pela biologia também começou na infância quando, em suas aventuras pelo bairro, ia caçar sanguessugas, nas valetas e riachos. Sapos, ratos, formigas, aranhas, grilos, borboletas, nada escapava à curiosidade do pequeno Zig. O profundo apego a toda espécie de animal, principalmente por seus cães e gatos, foi outra característica marcante de sua infância. Certa vez, conta Tereza Koch, ele e os amiguinhos ficaram de mal com ela, por vários dias. Tudo porque ela havia matado um camundongo que Zig encontrou na rua e insistia em esconder no bolso da calça...

Na escola, o que ele mais gostava era de desenho e matemática. Já o português tornouse um verdadeiro suplício. Mas, uma coisa era certa, se ele gostasse da professora desde o primeiro dia de aula, (nos tempos do ensino primário), iria muito bem nos estudos, durante o ano. Caso contrário... A referência era sempre o primeiro dia de aula. Se a mãe perguntasse como era a professora e ele respondesse "é bonita", seria, na certa, um ótimo aluno. Não que a referência fosse a beleza externa, mas sim a simpatia. Zig Koch estudou no Colégio Estadual Júlia Vanderlei e no Colégio Estadual Guaíra, nos seus primeiros anos de escola. Depois foi para o Colégio Novo Ateneu e, mais tarde, cursou mecânica no Centro Federal de Educação Tecnológica —CEFET e, por fim, cursou Arquitetura na PUC-PR.

Para orgulho dos pais, sempre foi esforçado e conseguiu aprovação no primeiro vestibular. O menino introspectivo e criativo transformou-se num jovem engenhoso e curioso que acabou optando pela Arquitetura por causa da identificação do curso com a criação, a projeção espacial, o raciocínio



foto 7 - Ver o forro da capa tornou-se uma aventura que rendeu muitos pulos do telhado de casa.



foto 8 - Desenho feito na década de 70 por Carlos Koike, um dos melhores amigos de Zig Koch e integrante doUrubu Futebol Clube.

lógico, os cálculos e o desenho.

Apesar de nunca ter sido o primeiro aluno da classe, na infância nunca deu trabalho aos pais, por causa de sua vida escolar. Muito pelo contrário, era sempre muito tranqüilo, dizia que tudo estava sempre ótimo, "mesmo que não fosse tão ótimo assim". Enquanto a irmã sempre tirava nota máxima na escola mas, nas provas, sempre pensava que tinha ido muito mal, até conferir os resultados, Zig era um poço de tranqüilidade. Ao contrário de Vívian, não se alarmava durante a época de provas e sempre acreditava que tinha ido muito bem, apesar dos resultados, algumas vezes, não lhe serem assim tão favoráveis.

Essa sua forma de lidar com serenidade com as situações, até as mais adversas, fez com que Zig desenvolvesse um estilo de ser muito particular. Aliando a postura serena de vida à sua generosidade, outro traço marcante de sua personalidade, Zig tornou-se um ser humano que divide tudo o que sabe com os amigos e companheiros de trabalho. Tereza afirma que ele nunca gostou de competir mas, sim, de participar, de partilhar e dividir o que aprendeu . "É uma coisa bonita do caráter dele" (Tereza Koch).

Diz o ditado popular que filho de peixe, peixinho é. Assim aconteceu com Zig Koch, filho de montanhistas, que elegeu o Marumbi, o mais belo conjunto de montanhas da Serra do Mar, no Paraná, como o seu "lugar no mundo". A paixão pelas montanhas primeiro foi intensa para o pai de Zig, Antonio Cavalcanti que, na juventude, foi o primeiro a conquistar a Serra da Prata, no Paraná. Depois foi incorporada pelo menino Zig que conheceu o montanhismo pelas mãos dos pais e, anos mais tarde, passou a dividir o prazer de estar próximo à natureza com os amigos.

Junto com Henrique Schmidlin (o "Vitamina"), o Kava (já falecido), Dálio Zippin Filho, Ronaldo Franzen Júnior (o "Nativo"), Nelson Penteado (o "Farofa") e muitos outros, fez inúmeros passeios, caminhadas e escaladas na Serra do Mar. Tudo recheado de muito bom humor, adrenalina e um deslumbramento coletivo pela natureza exuberante deste pedaço privilegiado do mundo. "Quando conheci o Zig ele me mostrou uma foto do Marumbi e me disse, emocionado e orgulhoso, que aquele é o quintal da casa dele. Nos últimos tempos, o excesso de trabalho e a correria do dia-a-dia o impedem de freqüentar o Marumbi como antes, o que lhe causa um sofrimento profundo", relata a mulher de Zig, a jornalista Maria Celeste Corrêa. **(foto 9)**

Junto com os amigos da montanha, Zig Koch, ajudou a fundar o COC - Clube dos Observadores de Coruja, que tinha entre seus objetivos conhecer os hábitos da ave, que é noturna. Como já havia o COA (Clube dos Observadores de Aves), o COC, caracterizava-se por suas atividades noturnas. Na Serra do Mar ou na chácara da família de Zig, ficavam a noite inteira, entre as árvores, observando as corujas. Para quebrar a monotonia, de vez em quando tocavam viola e faziam churrasco. Depois faziam silêncio, pegava os binóculos e iam espiar as corujas. "Era mais cômodo, pois a gente não precisava levantar de madrugada.... e passava a noite acordado."²

Segundo Zig C.O.C. foi uma brincadeira criada pelo Kava, pois os melhores horários para observar as aves são ao por do sol e alvorada. Na verdade o C.O.C. era apenas uma desculpa para jogar conversa fora e tomar vinho de madrugada.

² Informação fornecida por Vitamina, em depoimento gravado pelo MIS.

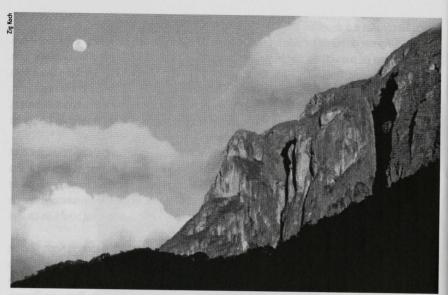


foto 9- Parque Estadual do Marumbi



Zig Koch, O Fotógrafo, O Artista

Zig Koch já percorreu os quatro cantos do Brasil, além de diversos países, registrando imagens de natureza, turismo, gente, ecossistemas ameaçados e muitos outros temas. Seu trabalho é matéria prima para reportagens fotográficas nas principais revistas brasileiras como Veja, Os Caminhos das Terra, Viagem e Turismo, Elle, Horizonte Geográfico, Outdoor Magazine, Ícaro, Manchete, Mares do Sul e Geográfica Universal. Entre as revistas estrangeiras que já publicaram fotografias assinadas por Zig Koch destacam-se a National Geographic, América e The Nature Conservancy. (foto 10)

Suas fotos também estão em mais de duas centenas de calendários de inúmeras empresas, alguns deles só com trabalhos de sua autoria. Tem participação em mais de 20 livros, fotos em peças de publicidade, catálogos de empresas e relatórios anuais, além de produzir fotografias aéreas para usos diversos. Com muita freqüência, suas fotografias são escolhidas para ilustrar campanhas de educação ambiental coordenadas por entidades governamentais e não governamentais. Seu arquivo de imagens possui mais de 50.000 cromos, todos classificados, sobre os mais diversos lugares do Brasil, sua fauna, flora, paisagens, aspectos humanos e turísticos.

Como não poderia deixar de ser, Zig Koch divulga seus trabalhos voltados para a conservação ambiental, através de várias exposições coletivas, individuais e itinerantes, mostrando as belezas naturais de nosso país e de outros espaços do mundo.

Mas como definir o que é a fotografia?

"A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo o que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer?(...) Uma ilusão de ótica que engana nossos olhos e nosso cérebro com uma porção de manchas sobre o papel, deixando uma sensação tão viva de que estamos diante da própria realidade retratada?" (KUBRUSLY, 1983, pg. 8).

A fotografia é tudo isto e muito mais, e podemos constatar isto através das imagens que eternizam o instante que, talvez, nunca mais se repetirá. Dizer que Zig tem o segredo de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo o que o cerca é pouco. Ele vai mais além, pois não domina apenas a parte técnica, pode-se dizer que ele tem o dom de fotografar e faz isso com paixão. Suas fotografias são dotadas de um conteúdo que extrapola o simples olhar. Tem-se, através delas, uma compreensão mais ampla do sentido das imagens que foram captadas. (foto9)





foto 11- Broto de Xaxim - Parque Nacional do Iguaçu

Zig não é apenas um fotógrafo é também um estudioso da natureza e de tudo aquilo que ele fotografa.

Ele sempre diz, "é muito importante estudar aquilo que vai ser fotografado, o tema, ou o animal, ou a região…" Ele sempre se preocupa muito em conhecer muito bem os lugares, enfim tudo aquilo que é objeto da fotografia.³

Quando a fotografia de Zig está pronta, ela traz a síntese de um tempo anterior dedicado ao estudo. Quando ele sabe que vai viajar para uma determinada região, ou descobre que vai fazer um trabalho sobre determinado assunto, seja um tema histórico, seja ambiental, ou turístico, ele estuda muito antes de ir, aprende tudo o que ele pode, reúne a bibliografia. Uma coisa que o deixa muito feliz é quando ganha um livro ou revista, algo que tenha relação com o tema que vai desenvolver.⁴

Como seu trabalho está intimamente ligado à natureza, Zig tem um interesse especial pela geologia dos lugares. Mas, também, os movimentos dos planetas, a relação com os ventos, a posição geográfica dos lugares e o clima, que compõem o contexto da fotografia, são objeto de interesse de Zig. E por uma característica de sua forma de viver, ele explica tudo com muita simplicidade. Da forma como ele entende, ele explica. E todo este embasamento do contexto em que irá trabalhar faz com que as suas fotos sejam únicas. "Elas (as fotos) dizem muito mais coisas sobre um lugar do que as fotos da maioria, porque ele fotografa com conhecimento. Ele não quer apenas impressionar as pessoas, ele quer fazer um trabalho bem documentado".5

Para KUBRUSLY (1986, pg. 68), a melhor imagem é "aquela que transmite com eficiência uma idéia, uma emoção ou o conteúdo de um tema (...) Muitas vezes o que torna forte uma imagem, que a faz pujante (...) são elementos contidos na forma de tratar a imagem." Portanto, quando vemos as fotos de Zig, percebemos que elas são densas em conteúdo, que trazem um universo de representações, que com o olhar se compreende todo o contexto.

Ele é um pesquisador que gosta de conhecer a fundo tudo aquilo que pretende perpetuar em imagens. Isto pode ser demonstrado nos depoimentos prestados por diferentes profissionais que já trabalharam com Zig. Nos inúmeros projetos em que atuou, nunca se restringiu apenas a fotografar. Antes de ir à campo, estudava minuciosamente o tema ou assunto. Como é o caso do levantamento das pinturas rupestres do Rio lapó. Neste trabalho que desenvolveu com Vitamina, fizeram uma expedição, caminhando, desde o Paraná, até São Paulo, para estudar as pinturas rupestres e também realizar um levantamento antropológico.

As imagens, produzidas por Zig, sobre a Usina Hidrelétrica de Itaipu e sobre a região de Foz do Iguaçu, o tornaram ainda mais conhecido e respeitado na área de meio ambiente e por aqueles que lutam por sua preservação. Mais do que um fotógrafo, ele é, de fato, um ambientalista respeitado. "Os registros fotográficos dele são de uma competência e alta qualidade inigualáveis. O material que Itaipu dispões em arquivo exibe essa qualidade."

Há uma foto, feita por Zig, de uma jaguatirica, muito utilizada nas ilustrações de Itaipu, que demonstra o quanto o trabalho de fotografar animais requer paciência e conhecimento sobre os seus hábitos. Assim, esperar que o animal faça uma "pose" exige do fotógrafo muito mais de que técnica, exige conhecimentos sobre a sua vida e seu habitat. Tudo isso para captar o instante com perfeição. E, na maioria das vezes, os animais não estão interessados em ser fotografados e podem reagir mal, fugir ou ficar estressados, fato que Zig Koch sempre se preocupou em evitar.



Conforme depoimento de Maria Celeste Corrêa, gravado no MIS - PR

⁴ Conforme depoimento de Maria Celeste Corrêa, gravado no MIS-PR

Depoimento de Maria Celeste Corrêa, arquivo MIS-PR

⁶ Conforme depoimento de Hélio Teixeira, jornalista da Itaipu Binacional

Como um defensor do meio ambiente, está constantemente envolvido em projetos preservacionistas. Um bom exemplo disso é o Projeto Lobo Guará, desenvolvido nos Campos Gerais, que congrega um grupo de pessoas interessadas em conhecer e preservar a espécie. Como exige muito trabalho de campo, conta com a participação de técnicos das diferente áreas e também com o apoio de Zig. Da mesma forma, já atuou em projetos e campanhas para defender o Peixe-boi, o Mico-leão-de-cara-preta, o Papagaio-chauá, a Floresta Atlântica e a Floresta de Araucária. (foto 12)

Estas participações em diferentes trabalhos, o tornam um profundo conhecedor da natureza e do espaço brasileiro. Por isso, ao conversar com Zig pode-se aprender muito sobre o Brasil. Há uma característica em sua personalidade, reconhecida por todos, que é a sua dedicação ao trabalho e a sua generosidade em compartilhar com os amigos o seu trabalho e seu conhecimento. E, além de dividir o que sabe, está sempre disposto a ajudar aqueles que o cercam. Assim, as trocas de informações e conhecimentos são uma constante em seu trabalho.

Envolvido em projetos que exigem estudo e pesquisa, principalmente sobre a fauna e a flora, ele busca as informações necessárias para tornar o seu trabalho mais denso e completo. Assim, Zig Koch sempre troca "figurinhas" sobre o conhecimento técnico e também empresta as suas fotos para ilustrar os mais diferentes trabalhos. Considerado inquieto, no sentido de sempre buscar novas informações e fazer questão de divulgá-las, o fotógrafo Zig Koch dedica parte de seu tempo à realização de palestras para os mais diversos tipos de público, porque vê nisso uma maneira de divulgar suas idéias preservacionistas, de plantar novas sementes na luta ambiental. Por outro lado, também sente necessidade de aprofundar seus próprios conhecimentos e, para isso, busca manter contato com especialistas. Tudo isso o torna um profundo conhecedor daquilo que fotografa. O que faz com que cada imagem "tenha outra qualidade. E quando ele fotografa um bicho, ele sabe quem é, o comportamento e uma série de informações biológicas.... Isso contribuiu para a qualidade do material dele."

A seriedade com que encara os trabalhos o leva a pesquisar e até contratar biólogos e técnicos da área para conhecer melhor o assunto a ser fotografado. "Aí está a diferença, vejo que seu trabalho é feito com a alma e procura retratar ou transmitir o espírito da natureza. Assim, sua qualidade técnica é muito apurada e suas fotos trazem o resultado de um olhar técnico, artístico que transcende a simples fotografia." (foto 13)

O valor profissional do seu trabalho é inegável, uma vez que exige de si mesmo uma qualidade perfeita do material que está produzindo. Mas, isso não o torna menos humano ou compreensivo com os que trabalham com ele.⁹

Por todas essas características, não é só a beleza que marca as fotografias assinadas por Zig Koch. "A maior parte dos trabalhos de Zig é voltada para a natureza, unindo a sensibilidade à tecnologia. Os efeitos fotográficos conseguidos são fantásticos pela beleza, detalhes e curiosidade das fotos com uma extrema delicadeza, coisa que nem sempre os fotógrafos conseguem" 10

"Assim, para quem está habituado a lidar com fotografias o tempo inteiro, o trabalho de Zig é inconfundível, pois é perfeito tanto no aspecto técnico quanto estético. Em nossa atividade vemos muitas fotos o tempo todo e, quando batemos de frente com uma foto do Zig, nem é preciso confirmar a autoria, sabemos que foi ele. Quanto ao aspecto artístico, Zig consegue captar a beleza até onde normalmente não a vemos."

foto 12 - Mico-Leão-de-cara-preta (Leontophitecus caissara)

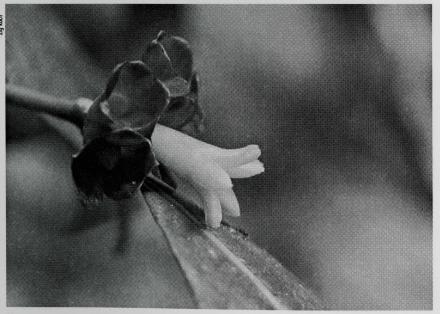


foto 13 - Flor-de-Cera

Ag tool

⁷ Conforme depoimento de Rogério Lange, Veterinário do Museu de História Natural

⁸ Conforme depoimento do biólogo do IBAMA, Robert Bóçon

⁹ Idem

¹⁰ Depoimento de Magali B. Roig e colaboradores da Ibiza Laboratório Fotográfico

¹¹ Idem à nota anterior



0 Jeito "Zig" de ser:

A sua relação com os amigos (e com a fotografia)

Durante uma das entrevistas realizadas para fazer este caderno, Hélio Teixeira, amigo de Zig, disse que ele tinha um jeito muito próprio de ser, que lhe transmitia muita paz, e usou a expressão "o jeito Zig de ser".

Mas, o que é "o jeito Zig de ser?" O que o torna uma pessoa tão especial para os amigos e para os companheiros de trabalho?

As suas relações de amizade são muito importantes para ele, algo que ele preza muito. Cultiva amigos de longa data, que sempre têm boas lembranças sobre esta convivência.

Esta postura torna o trabalho sempre mais prazeroso, pois os interesses em comum com os amigos, fazem com que cada atividade se torne inigualável. Seu jeito despojado de ser, e de compartilhar tudo, também faz com que as trocas com os amigos sejam uma constante.

> "A área de atuação dele é a fotografia, mas ele faz questão de repassar qualquer solicitação que seja feita, no sentido de fotografia técnica. A gente trabalha muito com animais, com ambiente de zoológico, e a todo momento está pedindo auxílio no uso do equipamento e o Zig sempre está pronto para dar uma assessoria técnica. Ele não esconde qualquer informação."12

Os trabalhos desenvolvidos ao redor do mundo também são reconhecidos pelos amigos . "Ele é muito competente e muito mais pela sua postura, pela sua capacidade, ele é hoje um homem universal e é requisitado para trabalhos internacionais"13

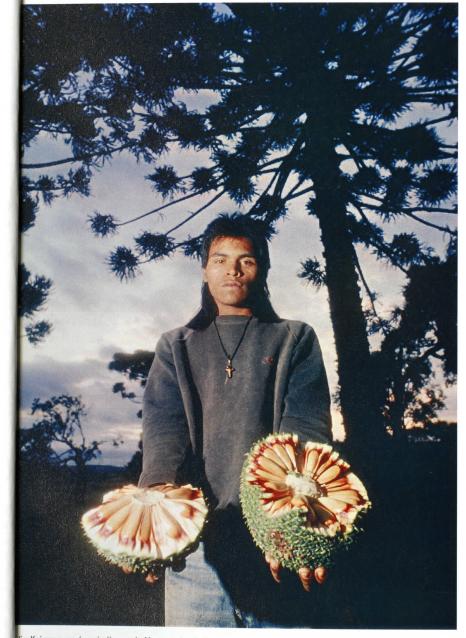
Esta universalidade do seu trabalho pode ser comprovada pela qualidade com que produz suas fotografias, sendo bastante solicitado para trabalhos no exterior. Fora do Brasil, suas fotos também captam os aspectos naturais, mas retratam ainda, com muita originalidade, aspectos urbanos, culturais, históricos e até a culinária de outros povos, dando uma dimensão diferente ao seu trabalho, que transcende o simples registro fotográfico.

Quem desenvolve trabalhos com ele, declara que a sua postura de vida o torna uma pessoa sem mistérios, sem ter o que esconder, muito "transparente" nos seus atos e atitudes. "Desde o primeiro contato, bastaram poucas palavras para sentir o seu caráter... Ele é uma pessoa muito educada, muito fina, uma pessoa "limpa", uma pessoa que dá gosto de conversar. Ele não tem segredos. E o que eu acho mais bonito no Zig é esta leveza, esta bondade que ele tem."14

¹² Conforme depoimento de Rogério Lange, arquivado no MIS-PR

¹³ Depoimento de Vitamina

¹⁴ Depoimento do Professor Carlos V. Roderjan- gravado no MIS - PR.



dio Kaigang, na área indígena de Marreca dos índios em Guarapuava-PR



Pinheiro do Paraná (Araucaria angustifolia)



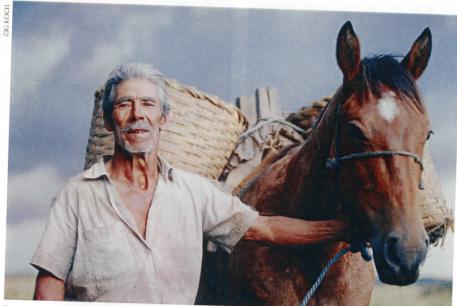
Papa-mosca-de-leque (Onychorhynchus coronatus)



Baía dos Porcos -Ilha Fernando de Noronha



Caramujo - Parque Nacional do Iguaçu

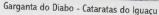


Tropeiro "Véio Bia", Em São Luiz do Purunã, Paraná



Cardume - Fernando de Noronha







Cobra (Philodryas aestivus)



Tucano-de-bico-verde (Ramphastos dicolorus)

0 trabalho de Zig Koch: impressões de quem convive com ele

"...o Zig é conhecido e respeitado não só pela área de meio ambiente, mas por todas as pessoas que giram em torno da questão da preservação ambiental; os registros fotográficos dele são de uma alta competência, alta qualidade, às vezes até são fotos iniqualáveis."

Hélio Teixeira - Jornalista

"Posso dizer que o Zig é um dos poucos fotógrafos de Natureza no Brasil que leva seu trabalho com tal profundidade a ponto de pesquisar, estudar e até contratar biólogos e técnicos da área para conhecer melhor o assunto (animal ou vegetal) a ser fotografado. Aí está a sua grande diferença, vejo que seu trabalho é feito com a alma e procura retratar ou transmitir o espírito da natureza."

Roberto Boçon - Biólogo

"A maior parte dos trabalhos do Zig é voltada para a natureza brasileira, unindo a sensibilidade à tecnologia. Os efeitos fotográficos conseguidos são fantásticos pela beleza, detalhes e curiosidade das fotos com uma extrema delicadeza, coisa que nem sempre os fotógrafos consequem."

Magali Bérnal Roig e colaboradores da Ibiza

"Eu acho que o Zig é um gênio da fotografia."

Hélio Teixeira - Jornalista

"A gente trabalha muito com animais, com ambiente do zoológico, (...) e a todo momento está pedindo: escuta Zig, como funciona isso, como se usa aquilo, o flash, como é que usa (...). Ele não esconde qualquer informação técnica e é um ponto de referência nesse sentido."

Rogério Lange - Museu de História Natural

"Somos amicíssimos... É uma amizade muito profunda e que vai aumentando cada vez mais, sempre envolvendo a natureza, meio ambiente, a fotografía e os prazeres da aventura, mas, a aventura consciente... nada de adrenalina inconsciente...." .

Henrique Schmidlin (o "Vitamina") - Ex-curador do Patrimônio Natural do Paraná

"Como pessoa é muito amável, compreensivo, humilde e luta por objetivos nobres." Roberto Bóçon - Biólogo "Zig Koch é um fotógrafo voltado para o registro da e na natureza, trabalho que faz soberbamente. Tem a qualidade da paciência, sempre disposto a esperar a melhor luz, ou ainda um pequeno animal se posicionar diante das suas câmeras para fazer o melhor click".

Ana Augusta Rocha — Editora Terra Virgem





Zig por mim (Maria Celeste Corrêa)

"Quem vê os trabalhos do Zig, mesmo sem conhecê-lo, pode ter uma idéia de quem ele é como pessoa, pois, se parece muito com o trabalho que faz... É muito difícil falar do Zig sem parecer rasgação de seda. Só sei que o caráter dele é mais ou menos aquilo que gostaríamos que nossos filhos e pais fossem: bem humorado, curioso e paciente, fala com todos com grande humildade...O Zig é dessas pessoas que se destacam mesmo sem ter essa intenção."

Magali Bérnal Roig e colaboradores da Ibiza

Uma luz bonita. Isso é tudo o que Zig deseja para fazer suas fotos. E isso é o que ele representa em minha vida. "Tinha uma luz boniiita", conta ele com palavras suaves e olhar brilhante — os dedos polegar e indicador unidos levemente, a mão passeando no espaço em gesto preciso - revelando cada detalhe do trabalho, como se cada foto fosse a primeira, a única.

Fotografia. A palavra que deu norte à vida deste homem singular está presente dia e noite, inverno e verão, sempre. Quando não está com uma câmera em punho, está estudando manuais de fotografia, lendo revistas especializadas ou procurando mais informações a respeito do tema que quer fotografar: bicho, planta, gente, paisagens diversas, lugares do mundo. Fotografa com rigor no trabalho, com leveza para registrar os amigos, o filho, os momentos felizes.

Engata um trabalho no outro, rolos e mais rolos de filmes, duzentos cliques para conseguir uma única imagem, horas e mais horas de espera para fazer uma só foto. Os mosquitos na maior festa sobre a pele dele, calor excessivo, frio de lascar, o corpo dói. Nada importa. Um ano e meio espreitando o Mico-leão-de-cara-preta. E a foto correu mundo. Talento, paciência, disciplina, devoção.

Como parceiro de trabalho ele é gentil e generoso. Ensina tudo o que sabe, sem nenhuma pretensão. Vai falando como quem conta uma história e, entre uma cuia de chimarrão e outra, dá idéias, opina nos textos, sugere, se empolga. Sempre. E assim como fala, ouve, com atenção. Zig é um homem que acredita no trabalho, que o valoriza. E acredita no trabalho que tem objetivo, que tem proposta, que ofereça uma contribuição para o meio ambiente, para a cultura, para a vida que ele bem sabe, passa rápido, muito rápido e precisa ser vivida da melhor forma possível.

Consciente do poder que tem com uma câmera nas mãos, ele é sempre humilde diante daquilo que pretende fotografar e de quem está com ele na empreitada. Barqueiros, pilotos, mateiros, guias, militares, jornalistas, biólogos, quem quer que sejam os parceiros, todos serão tratados como companheiros. Avesso de paparazzi, pede licença sempre, explica, conversa. Quanto

mais simples a pessoa, mais atenção ele dá, mais cuidados ele tem. Por isso faz retratos tão expressivos, tão cheios de dignidade.

Às vezes penso em diminuir o ritmo e digo: "Precisamos descansar um pouco. Vamos sair por uns dias mas, sem as câmeras". Ele retruca, com suavidade: "Ah, se você soubesse como eu gosto de fotografar..." Eu sei, só eu sei. Ele se impacienta com o tempo que corre, com os projetos que caminham a passos lentos, com os trabalhos que sonha realizar e ainda vê distantes. Contra o tempo, implacável, não há argumento que o convença. O tempo está passando e Zig tem pressa e quer realizar mais coisas, levantar discussões, quer sempre e mais. E aí ele não é mais "zen". Mar crispado em ondas, água mole em pedra dura. Não desiste, insiste, persiste.

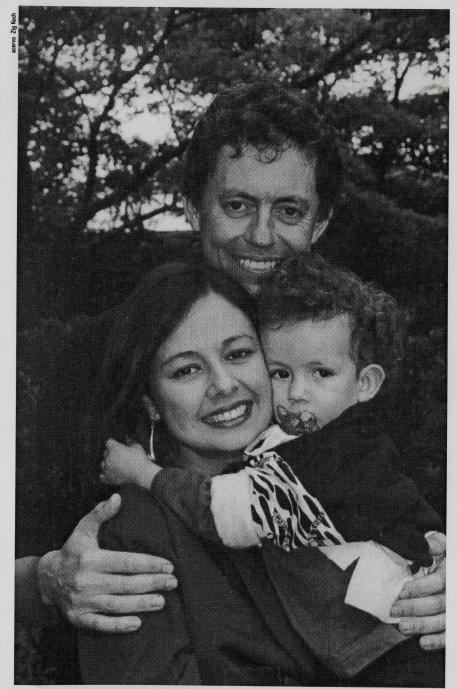
Também é assim na defesa do meio ambiente. "Antes do amor pela fotografia vem o amor pela natureza", diz. Não é frase de efeito. É a pura verdade. É o seu cotidiano. Preocupa-se em recolher o lixo por onde quer que passe, evita sempre o desperdício, pensa mil vezes antes de comprar alguma coisa, qualquer coisa, procurando a opção não polua, que agrida menos a natureza. Apoia entidades e projetos de preservação. Participa de reuniões, discute, argumenta, dá idéias, cede fotos, vai a campo.

Sabe que o tempo está passando e a bomba-relógio — tic-tac — vai se armando silenciosa para explodir sobre nossas cabeças ignorantes e mal informadas. E ele sofre porque vê longe, porque enxerga adiante da maioria, porque não vislumbra soluções a curto prazo. Sofre porque a lucidez dói como ferida aberta, como árvore arrancada da terra, como pássaro abatido em pleno vôo. E sofre e luta e de novo não desiste. Não vira o disco. Não vai virar.

Baixa a guarda só quando está diante da natureza, perto dela. Quando vê bicho, então, nem se fala. Reconhece os animais pelo canto, distingui-lhes a idade e o sexo pelas cores, pelo tamanho, pela plumagem, pelo "jeitão", por detalhes que só quem ama e estuda poderia conhecer. Perto da natureza vira moleque. Faz trinado de passarinho, imita galo, macaco, cavalo. Mas se derrete mesmo é com o filho, Zé Pedro, a grande pessoa da vida dele.

Quando o nosso menino nasceu, Zig sentenciou: "Ser pai é fácil, eu quero é que ele seja meu amigo". E assim é. Mútua paixão desabrida, encantamento, desvelo, novelo de lã maciinho... Para o filho ele sempre tem tempo, paciência, uma careta, uma graça novinha em folha. Juntos, são do mesmo tamanho. Olhares que não se desgrudam, aconchego, fantasia e diversão. Para o Zé Pedro ele guardou o que o mundo tem de melhor: os pingos da chuva, a lua bonita no céu, o barulho do vento, os raios de sol, a música. "Ouve filho, ouve...", diz revelando cada segredinho delicioso deste universo que se abre diante do menino atento e esperto que replica, com a mão em concha sobre a orelha: "ouve papai, ouve.."

Para mim, a parceira de jornada, a mulher, Zig revelou-se um companheiro em sua mais perfeita definição. Todas as horas são horas para serem compartilhadas. Conversar, ir ao cinema, brincar com o filho, ouvir música, sonhar, planejar, trabalhar, ler, estar com os amigos, tudo junto, sempre. Prazer e alegria. Admiração e carinho. Amor e respeito. Enternece o olhar e aquece a alma feito luz.



Zig koch a esposa Maria Celeste e seu filho Zé Pedro.



Referências Bibliográficas

KUBRULSLY, C. A . **0 que é fotografia.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

Referências Bibliográficas

SUCCESSION STATES AND A TRANSPORT SEE PROJECT BESIDERS, 1986





